

Projeto Pela Primeira Infância

Temas do Desenvolvimento Infantil

Desenvolvimento emocional e comportamental II



Organizadores

Mônica C. Miranda
Carolina T. Piza
André Luiz de Sousa
Juliana C. Ferreira
Tatiana Góes Freitas
Pompeia Villachan-Lyra
Carolina Nikaedo
Orlando F. A. Bueno

Colaboradores

Daniele Pereira de Souza
Emmanuelle Chaves
Maria Cristina C. R. Oliveira
Nelma Assis
Sílvia Maciel
Renata Trefiglio Mendes

Projeto Gráfico

Priscilla Ballarin

Diagramação

Flávio Della Torre

Ilustrações

Eliza Freire

Agradecimentos

Um especial agradecimento à direção, coordenação e professores das escolas: Centro de Educação Infantil - CEI Arrastão, EMEI do Lar Sírio, EMEI São Paulo, CEI Nova Santana, que se prontificaram a receber a equipe de pesquisadores, auxiliando na primeira fase desse projeto em que foi possível levantar as necessidades formativas do professor da educação infantil.

Sumário



4

A autonomia e a autoconfiança

12

Promovendo o desenvolvimento emocional: limites, regras e incentivo

Não existem manuais ou receitas prontas a respeito de como devemos cuidar e educar bebês e crianças, não é mesmo? Apesar de concordarmos com essa afirmação, vamos aqui continuar nossa reflexão sobre alguns possíveis caminhos, apontados pela psicologia e neurociência, que visam favorecer um desenvolvimento emocional infantil rico em oportunidades.

Sabemos que este investimento, principalmente nos primeiros anos de vida, contribui para a formação de uma pessoa com maior repertório sócio-emocional, mais apta a solucionar problemas e enfrentar os obstáculos da vida, acreditando em si mesma, etc. Pois é, como temos visto, todas essas características começam a se delinear no início da vida, na relação que a criança estabelece com sua família, professores e amigos.

Para nos aprofundarmos nesta reflexão, gostaríamos de propor uma analogia. Como em toda boa receita culinária há aquele ingrediente principal, responsável pelo sucesso da receita. O processo de desenvolvimento infantil, considerando esta mesma analogia, também tem um “ingrediente” imprescindível, que não pode faltar: o afeto. Todo indivíduo necessita de afeto (e cuidados) para se sentir amado. Um bebê ou criança sem alimento/nutrição fica desnutrido; sem carinho, a criança poderá se sentir sozinha e desamparada. Assim, uma vida afetiva e emocionalmente saudável, que favoreça o crescimento é fundamental! Mas, vale lembrar que, como duas faces da mesma moeda, o afeto e suas interfaces não se separam do limite. O queremos dizer com isso? Queremos dizer que tão importante quanto se sentir amado e protegido é aprender a lidar com limites, a frustração e os afetos a ela inerentes, como também se apropriar das regras de convivência.

O manejo desses dois “ingredientes” no dia-a-dia dessas relações nem sempre é fácil. Pelo contrário, muitas vezes costuma ser um grande desafio. Em muitos momentos surgem dúvidas a respeito do que se deve priorizar nas relações. Esse dilema entre como lidar com afeto/suporte e o limite surge em muitas situações do nosso cotidiano, ao longo de todo o processo de educação da criança. Por exemplo, quando a criança está brincando e se depara com algo novo, como um escorregador muito alto, que inicialmente lhe parece ameaçador, ela geralmente solicita (ou requer) ajuda para se sentir segura e superar aquele desafio inicial, que é escorregar. Uma forma de oferecer à criança essa segurança e confiança, é (o adulto) encorajá-la e motivá-la a escorregar. Perceba que, ao dar este suporte, o professor não abandonou a criança, não considerou “bobagem” esse medo, mas validou o sentimento da criança e oportunizou a ela a experiência de concretizar aquela situação. Desta maneira, o professor funcionou como um suporte para que ela conseguisse superar suas próprias dificuldades. Em uma situação similar, na qual uma criança mais agitada e destemida ameaça “se jogar” do escorregador, sem prever os riscos ou consequências, o adulto terá que auxiliá-la, estabelecendo limites e expondo os cuidados, novamente com afeto, para que aos poucos, a criança comece a compreender seus riscos. Sendo assim, nós adultos, vamos aos poucos, dosando os gestos de amor e encorajamento, para minimizar riscos e ajudar a criança a superar seus obstáculos, enfrentando com maior autonomia seus pequenos desafios diários. Para isso, temos que entrar em contato com nossos próprios medos e desafios, pois como já vimos, cuidadores excessivamente preocupados também podem agir de maneira superprotetora, evitando que crianças explorem o ambiente e experimentem novidades. Como diz o psicólogo Helio Guilhardi:

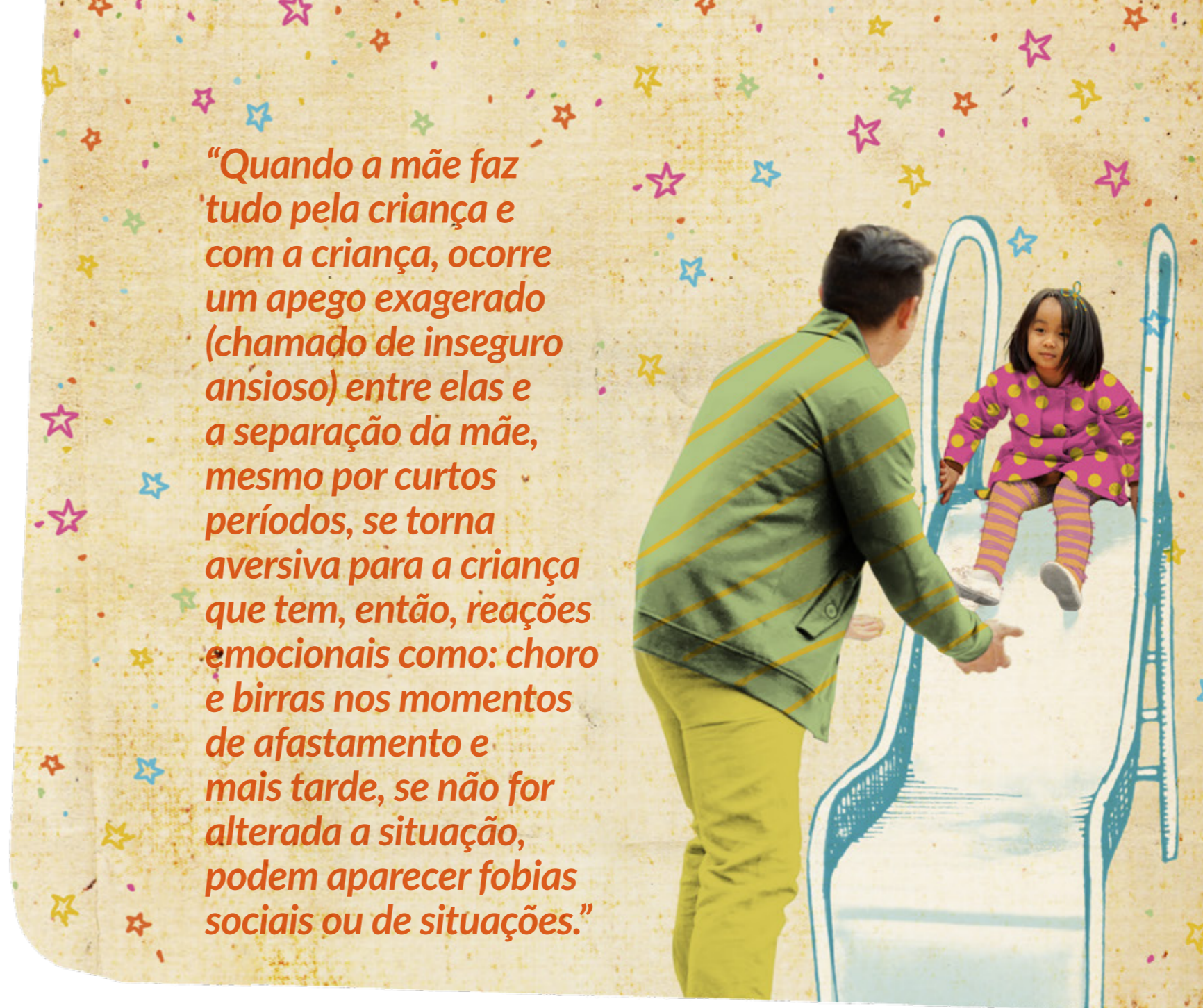
“Quando a mãe faz tudo pela criança e com a criança, ocorre um apego exagerado (chamado de inseguro ansioso) entre elas e a separação da mãe, mesmo por curtos períodos, se torna aversiva para a criança que tem, então, reações emocionais como: choro e birras nos momentos de afastamento e mais tarde, se não for alterada a situação, podem aparecer fobias sociais ou de situações.”

Portanto, como em uma boa receita, temos que dosar bem os ingredientes, para não abandoná-la, nem fazer por ela, mas sim, ser suporte para que ela consiga superar suas próprias dificuldades.

Na apostila anterior tivemos a oportunidade de conhecer melhor como se dá o processo de desenvolvimento emocional da criança e suas interfaces, quais os seus agentes complicadores e facilitadores e alguns conceitos complementares, como a cognição social, a disciplina, a birra e a agressividade. Nesta apostila, abordaremos

dois grandes assuntos de interesse dos profissionais que trabalham com a Primeira Infância: como potencializar o desenvolvimento da autonomia da criança (tornando-a cada vez mais independente do adulto na realização das suas tarefas), e como lidar com os comportamentos típicos dessa faixa etária na escola (estabelecendo limites, regras e disciplina).

Começaremos falando sobre a autonomia e a autoconfiança, dois temas que se entrelaçam e cujo conhecimento deve vir antes da aplicação de qualquer método de disciplina.



A autoconfiança e a autonomia

Conhecemos e usamos muito a palavra autoconfiança na nossa vida, mas será que sabemos realmente o que ela significa?



De acordo com alguns teóricos da psicologia, a autoconfiança define-se como um sentimento aprendido, que se desenvolve durante a nossa vida, a partir de nossos próprios atos, à medida que conseguimos aquilo que queremos. Ela se desenvolve por meio de relações afetivas positivas que construímos com outras pessoas, e que vão demonstrando que é possível confiar nelas. Consequentemente, isso aumenta a sensação de segurança, que nos permite ousar e explorar o ambiente, contando com o apoio de terceiros. Assim, na medida em que confiamos em outras pessoas e vivemos experiências positivas de exploração do mundo, tendemos a construir um sentimento de confiança em nós mesmos. É algo que

está diretamente associado às experiências e relacionamentos estabelecidos durante a primeira infância.

Como já vimos anteriormente, na educação infantil, lidamos com inúmeras situações nas quais podemos auxiliar as crianças a desenvolverem sua autoconfiança. Isso ocorre, por exemplo, quando uma criança quer se engajar em uma brincadeira nova e se desafia por saber que pode contar com o suporte de um adulto de referência. Como destacado no exemplo do escorregador, ao sentir-se segura, se arrisca a fazer coisas que ainda não conseguia sozinha, obtendo novas conquistas. Assim, por meio das novas experiências diárias, vai ampliando seu repertório, aumenta sua valorização pessoal, favorecendo o



desenvolvimento da autoconfiança. Isso é o que desencadeia sua motivação para tomar novas iniciativas, resolver problemas, persistir diante de tentativas fracassadas e assumir uma postura independente na vida. Em outras palavras, isto é o que permite que a criança se torne um indivíduo com AUTONOMIA.

Deixar que a criança realize sozinha atividades do dia-a-dia, como as de autocuidado (vestir-se, pentear-se, alimentar-se, escovar os dentes), ou dar a ela atividades físicas, como, por exemplo, subir em árvores, andar sobre um pequeno obstáculo (com supervisão para evitar riscos), jogar bola, pular corda, realizar trabalhos manuais, etc.; possibilita criar condições para que ela, pouco a pouco, conheça

aquilo que pode ou não realizar com segurança, tendo como referência suas próprias experiências. No entanto, deve-se ficar atento para que as tarefas propostas sejam adequadas às suas habilidades e aos interesses da criança, dosando adequadamente o desafio à motivação. Quando o desafio está muito além de sua possibilidade atual, corre-se o risco de provocar o efeito contrário, gerando um sentimento de fracasso e incapacidade.

Vejamos um novo exemplo com a figura acima.

Pedir a uma criança que tem pouco contato com a natureza, que suba em uma árvore alta para pegar uma flor, é fazer uma exigência para além da sua capacidade atual. Possivelmente,

propor esta mesma tarefa a uma criança de zona rural e/ou que tem maior contato com a natureza, será muito diferente. Se a primeira criança não conseguir realizar a tarefa com sucesso, ela possivelmente se sentirá frustrada e fracassada, e não terá motivação para subir em outras árvores nas próximas oportunidades que surgirem (mesmo que sejam árvores menores e a tarefa adequada às suas capacidades), usando desculpas como, por exemplo: “não quero brincar disso.”; “tenho medo de subir em árvores.”; “não gosto de flor” ou mesmo “não consigo”. Em função disto, os adultos devem se atentar ao grau de dificuldade da tarefa e à motivação da criança. Do mesmo modo, deve-se cuidar ao propor tarefas que a criança ainda não é capaz de cumprir, ou ao colocar exigências muito altas de desempenho nas atividades. Tal conduta poderá desencadear sentimentos de medo, preocupação e ansiedade na criança, fazendo com que ela fuja ou evite tais situações (às vezes, criando desculpas, mentindo, se omitindo ou não enfrentando), ao invés de enfrentá-las com apoio e segurança.

Ainda, considerando o exemplo anterior, poderia ser feita uma escolha mais adequada ao perfil da criança, por exemplo, uma árvore mais baixa para aquele que está subindo pela primeira vez, ou então, uma ajuda física para aquela que quer subir, mas precisa sentir-se com mais segurança. A ajuda física pode ser usada, como uma mediação, considerando a possibilidade de que seja reduzida progressivamente à medida que a criança vai aprimorando sua habilidade para realizar a atividade sozinha. Este é o tipo de ajuda que contribui para o desenvolvimento da autoconfiança e tais considerações também devem ser levadas em conta em situações acadêmicas/escolares, nas quais uma boa mediação também facilita muito a aquisição de novas aprendizagens. De tal forma, a disponibilidade e apoio são fundamentais para a promoção da autoconfiança e autonomia, mas com o cuidado de dar

o espaço para que as conquistas sejam realizadas pela criança.

Resumidamente, os adultos devem estar sempre revendo os seus critérios de exigência com a criança, procurando adequá-los o máximo possível ao nível de desempenho dela e estar disponível para ajudá-la se isso se fizer necessário. Trabalhar com a equidade, implica em escolher as atividades de forma justa e realista, dentro do potencial de cada criança. Com isso, evitamos usar como parâmetro o “ideal”, “a perfeição”, ou a “igualdade”, pois sabemos que cada criança tem suas particularidades.

Um fator muito comum, que afeta enormemente a obtenção da autoconfiança e autonomia, é quando a criança, com frequência, é impedida de realizar situações de desafio sozinha, pois seus pais, professores, ou cuidadores consideram (de forma irrealista), que todas apresentam perigos. Ao agirem desta forma, eles restringem as oportunidades para a que a criança desenvolva habilidades motoras, além de promover nela sentimentos de medo, insegurança e incapacidade.

Para contribuir para o desenvolvimento da autoconfiança, os cuidadores devem deixar a criança se locomover livremente o máximo que puder, sempre mantendo-se atentos e disponíveis para evitar perigos. Deve-se permitir e, inclusive, incentivar que ela explore o ambiente. Quando a criança se colocar em alguma situação de risco, o ideal é conduzi-la pela mão ou chamá-la para um lugar mais seguro. Gritar, usar frases de advertência, ou preveni-la de perigos improváveis e/ou exagerados antes mesmo dela iniciar alguma atividade (por exemplo, “cuidado para não cair no buraco!” ou “cuidado com o cachorro!”), são fatores geradores de ansiedade e de insegurança, e podem, quando usados de forma exagerada, inibir a liberdade de experimentar novidades da criança, e/ou até contribuir para o desencadeamento de medos

excessivos (por exemplo, fobia de altura, de bichos, de certos ambientes, de correr).

É importante que os pais e os cuidadores saibam que não é possível livrar a criança de todos os perigos, pois, eventualmente, alguns acidentes vão ocorrer. Quando isto acontece, o adulto que a acompanha poderá minimizar o seu sofrimento, ajudando-a a se levantar, perguntando-lhe onde dói, dizendo-lhe de maneira clara e sincera, como irá tratar do machucado dela (“vou lavar o seu dodói, vai doer um pouquinho, mas você consegue aguentar” ou “vou te levar ao hospital para o médico ver o que precisa ser feito”). O adulto deve aproveitar a situação para dar um bom modelo de como lidar com acidentes, portando-se de maneira calma e controlada. As reações exaltadas e exageradas assustam a criança e não lhe ensinam a lidar com as adversidades. Lembre-se: o seu comportamento e a forma como você reage diante de uma situação pode interferir em como a criança vai desenvolver seu repertório (e suas reações) emocionais. O adulto representa um importante modelo, que colabora para o desenvolvimento de bons comportamentos da criança. À medida que refletimos sobre as situações e proporcionamos novos modelos comportamentais e emocionais, as ajudamos a ampliar seus repertórios.

Até agora vimos como se dá a construção da autoconfiança e da autonomia e sua importância para a realização de atividades. Vale ressaltar a importância das relações sociais para essa construção... A maneira como o outro reage aos comportamentos da criança será fundamental nesse processo.

Existem crianças que também se sentem desafiadas em situações nas quais tem que se expor, como, por exemplo, quando tem que solicitar ajuda ou orientação a alguém, fazer um pedido a uma atendente, dar uma opinião ou contar um caso para um grupo, dentre outras. Nesses casos, saber que existe alguém por perto, disponível para lhe ajudar, a deixará mais confiante e segura para enfrentar o desafio e superar situações futuras semelhantes. Citemos como exemplo, Joana, uma criança de quatro anos, que é extremamente tímida, esquece as palavras e tem dificuldade para se expressar. Ela sente-se extremamente desafiada ao ter que contar um fato à sua turma, em sala de aula, por achar que não conseguirá falar direito.

Diante desta situação, sua professora poderá incentivá-la a contar o fato, dizendo que ela e seus colegas estão curiosos para saber o que ela tem a dizer e que vai lhe ajudar caso precise. Ao dar suporte, normalmente a criança sente-se mais confortável e segura para seguir à diante. Imagine então, que logo depois que Joana começa a narrar o fato um coleguinha a interrompe! Tal interrupção pode ser compreendida por ela como uma crítica, ou um desencorajador e diante disso, ela pode ter a sua motivação enfraquecida para seguir narrando o fato. O que fazer então nesta situação? Para evitar que a criança perca a autoconfiança diante de imprevistos (neste caso, devido à interrupção do colega), quando necessário, os professores podem intermediar a situação, pedindo que o colega aguarde sua vez e que não interrompa o outro, voltando o olhar para Joana, de forma a lhe dar completa atenção e segurança enquanto fala. Tais gestos de aprovação surgem como suporte de alguém que é referência para a criança (e em quem ela pode confiar!) e servirão como um novo impulso para que ela retome a sua fala e finalize a tarefa que lhe foi dada com êxito.

Assim, no dia-a-dia da criança é essencial que os pais e professores criem inúmeras condições

para que a criança adquira autoconfiança nas relações sociais, e isso pode ser feito de várias maneiras. Uma delas é dando oportunidades para ela desempenhar, no lugar deles, alguns papéis sociais que são compatíveis com as suas habilidades, como, por exemplo, ao ir com o filho fazer compras em um mercado, deixá-lo pedir o pão ao balconista, dar-lhe o dinheiro para ele realizar o pagamento sozinho no caixa, etc. Na escola, quando possível, deixe-a resolver algum pequeno conflito na relação com um colega. Os pais mais velhos, quando sentirem-se a vontade, podem ler para o grupo durante uma atividade de leitura coletiva ou ainda, em situações de lazer, avalie situações nas quais eles podem tomar a iniciativa para fazer novas amizades. Estes são alguns exemplos de condições nas quais é exigida maior interação social por parte da criança, e que, muito provavelmente, vão ajudá-la a desenvolver sua autoconfiança. Perceber que conseguiu fazer o pedido à balconista, que entregou-

-lhe o pão, e que a professora e outras crianças prestaram atenção à sua leitura, costumam trazer grande satisfação à criança. Com isso, se sentirá capaz, segura e autoconfiante para realizar repetidamente esses comportamentos, sendo essa uma boa maneira de iniciar, aos poucos, o aumento de sua independência, sem que se sinta abandonada ou desamparada.

Se por ventura a criança se apresentar insegura ou hesitante na realização da tarefa, os cuidadores podem ajudá-la nas primeiras tentativas, por exemplo, chamando a balconista e lhe dizendo: "olhe, acho que ele/a quer lhe fazer um pedido" ou, na sala de aula, chamar a atenção dos coleguinhas para que ouçam a leitura que será realizada. Desta forma, eles também a ajudam a ter sucesso na sua experiência, levando-a a persistir, e colocando-se como suporte e apoio para a realização da atividade com autoconfiança.

Contribuindo com a aquisição da autonomia e autoconfiança da criança na escola

Para que os profissionais da educação infantil possam contribuir ainda mais com o desenvolvimento da autoconfiança e da autonomia das crianças durante as atividades acadêmicas, propomos algumas sugestões:

1 Organizar atividades em etapas sucessivas e diferentes níveis de dificuldade, permitindo que crianças em diferentes estágios possam responder e aprender. Este é um modo de aumentar a probabilidade das crianças realizarem as atividades corretamente, sentindo-se motivadas. Isso facilitará e aumentará o interesse pela aprendizagem.

2 Fornecer uma ajuda inicial nas atividades mais difíceis e colocar-se disponível às demandas da criança. Sempre que necessário, ofereça apoio e ajuda às crianças que demonstrarem dúvidas. Vá retirando este apoio gradualmente, até que a criança possa fazer a atividade sozinha. Isto a ajudará a não criar dependência do adulto para fazer suas atividades, mas evitará que se sinta desmotivada diante da dificuldade da tarefa.

3 Ouvir a criança, acolher as suas perguntas e incentivar que exponha argumentos e opiniões. Este é o primeiro passo para

que ela se sinta segura para expressar os seus pontos de vista. Caso a criança exponha uma ideia em uma hora inoportuna, interrompendo a aula, se possível, faça um breve comentário a respeito do que ela falou e, em seguida, deixe claro que aquele não é o momento apropriado para ela falar. Desta maneira ela compreenderá os limites e combinados, mas não se sentirá constrangida por ter exposto a sua ideia.

4 Oferecer à criança mediação com diferentes níveis de apoio. Quando queremos ajudar à criança a desenvolver uma nova

habilidade e a alcançar o objetivo esperado, precisamos estar atentos ao tipo de apoio que ela precisa e qual a intensidade deste apoio. Podemos oferecer diferentes níveis de mediação e temos que ajustá-lo de acordo com a necessidade da criança. Esses níveis de mediação se configuram como dicas e auxílios que os adultos oferecem, com o intuito de ajudá-la a sentir-se segura e confiante para aprimorar um comportamento. Existe uma abordagem sequencial simples ao ensino de uma criança. Este método em quatro etapas pode ser aplicado a quase qualquer tarefa comum.

1º PASSO	FAÇA POR. O adulto faz a tarefa enquanto a criança observa. Nesta fase o adulto deve apontar cuidadosamente os estágios da tarefa à medida que completa cada etapa. Encoraje a criança a fazer perguntas sobre o que ela está observando.
2º PASSO	FAÇA COM. O adulto integra a criança na tarefa lentamente. Ao integrar a criança ao processo, faça com que ela o ajude em vários estágios. Elogie e encoraje seu crescente envolvimento.
3º PASSO	OBSERVE ENQUANTO A CRIANÇA FAZ. O adulto observa enquanto a criança executa a tarefa. Anime-o e aponte gentilmente quaisquer enganos que ela possa cometer (isso evitará a formação de maus hábitos).
4º PASSO	EXIJA QUE A CRIANÇA FAÇA SOZINHA. Agora que a tarefa foi dominada, incentive que a criança faça a tarefa de forma autônoma. Deixe a criança fazer a tarefa de forma autônoma por algum tempo, repetindo a tarefa por alguns dias, assim ela usa a habilidade que aprendeu.

Por fim, para concluirmos esta primeira reflexão, vimos acima que o estabelecimento de relações afetivas positivas na primeira infância pode contribuir positivamente para que as crianças construam autoconfiança e autonomia, e conseqüentemente tenham maior capacidade para tomar iniciativas, resolver problemas e ser independente dos outros.

Por outro lado, a criança que não recebe suportes consistentes de seus cuidadores e ainda é constantemente impedida de apresentar

seus comportamentos, acaba por apresentar dificuldades em situações cotidianas, uma vez que não aprende a tomar iniciativas nem a solucionar problemas, desiste facilmente diante do fracasso, torna-se dependente dos outros e desenvolve, entre outros, sentimentos de medo, de ansiedade, de insegurança e fobias.

Desta forma, reforçamos o quanto o educador pode tornar-se um importante mediador, contribuindo para o bom desenvolvimento emocional de seus alunos na primeira infância



Promovendo o desenvolvimento emocional: limites, regras e incentivo

Nos nossos temas anteriores já falamos sobre a birra, o choro e a agressividade. Vimos que estes comportamentos estão relacionados ao autocontrole, que é a habilidade para lidar com os sentimentos e deter o impulso de fazer algo que queremos, mas que não é permitido ou adequado em um determinado momento. Para que a criança possa seguir as regras e entender os limites, ela precisa desenvolver o autocontrole. É importante que os pais, os cuidadores e os educadores trabalhem esta habilidade com cuidado, com atividades simples que podem fazer a diferença na vida da criança.

A partir dos dois ou três anos a criança começa a entender que existem regras que devem

ser cumpridas e que alguns comportamentos não são aceitáveis pelos adultos. No entanto, como vimos em outras apostilas, nessa idade as crianças ainda não desenvolveram totalmente a habilidade de interromper ou inibir um comportamento que não é permitido. Citaremos como exemplo uma situação na qual uma criança, em torno dos dois anos de idade, quer brincar com o brinquedo do seu colega. Os dois estão sentados próximos e ela repentinamente pega o brinquedo dele, que naturalmente tenta pegá-lo de volta. Em seguida, ela bate no seu colega, e os dois começam a chorar. Diante dessa situação, a professora pode estabelecer um diálogo com as duas crianças para que as mesmas pensem sobre o que aconteceu, refletindo sobre suas

ações. Ao mediar o ocorrido, vale ajudar as crianças a avaliarem se agiram corretamente, permitindo que repensem a situação, e reflitam sobre como poderiam ter resolvido o ocorrido de outra maneira. Nessa idade, é muito importante estabelecer e explicar para as crianças as regras que devem ser seguidas e isto pode e deve ser realizado em parceria com os adultos que interagem com as mesmas de maneira que elas sejam encorajadas a reconhecer quando não conseguiram se comportar de acordo com os combinados.

Conhecer as regras apropriadas para sua idade permite que a criança saiba o que é esperado dela, e isso normalmente, a deixa mais segura. Estes são os ingredientes essenciais para um desenvolvimento social e emocional saudável, pois é por meio das interações com seus pais e educadores que a criança aprende o que é certo e errado, o que é esperado dela, quais são as regras da sua família e da sociedade em geral. A criança necessita de um meio social, do contato com outras crianças e adultos, que se tornam exemplos. Caso seja privada deste contato, terá muito mais dificuldade para desenvolver e compreender esses comportamentos sociais.

Como temos visto, o comportamento de uma criança pode ser influenciado por diversos fatores, e isto também tem a ver com as relações que ela vai estabelecendo nos primeiros anos de vida. São alguns exemplos, fatores como seu histórico familiar, sua origem e as características da sua família, os hábitos, padrões de relacionamento (afetivos ou agressivos, dentre outros), problemas interpessoais e instabilidade emocional; ou ainda, variáveis atuais, que dizem respeito à forma como os adultos interagem com a criança, como lidam com diferentes situações, suas (in)constâncias nos combinados que estabelecem, a saúde e segurança da criança, risco a situações de negligência, etc.

Os comportamentos sociais de uma criança, assim como as outras áreas do seu desenvolvimento, encontram-se em constante processo de mudança, adaptações e readaptações. Portanto, as crianças recebem e lidam com as demandas de interação social de diversas maneiras e a partir desta interação multifatorial desenvolvem características de personalidade que, com o passar dos anos, vão se moldando. Existem crianças mais tímidas, mais quietas, que evitam se expor em sala de aula. Em contrapartida, também tem àquelas que se caracterizam por apresentar um comportamento mais agitado, impulsivo, e que são crianças mais ativas em sala de aula, que se expõe mais em relação ao grupo.

Ao estabelecermos limites e regras, devemos levar em conta o perfil da criança, e quando possível, compreender como algumas de suas experiências cotidianas (nos vários ambientes pelos quais circula) podem estar relacionadas aos padrões que apresenta. Em muitas situações, seu comportamento pode ser um reflexo das situações às quais está exposta, bem como das respostas que ela recebe do ambiente (por exemplo, de cuidados, afetos, elogios, recompensas, negligências, punições, etc.). Estes fatores, geralmente se relacionam e influenciam a intensidade e a frequência dos comportamentos apresentados pela criança.

Isso quer dizer que, geralmente as consequências que uma criança recebe após manifestar certos comportamentos contribuem para que aqueles comportamentos aconteçam novamente. Em outras palavras, quando uma criança faz algo bom ou esperado, devemos demonstrar a ela que gostamos daquilo, por exemplo, elogiando-a, sorrindo, dando-lhe um beijo e isso faz com que ela, em outras circunstâncias, tenda a repetir este mesmo comportamento. Por outro lado, quando ela tem dificuldade em se comportar de uma maneira adequada, devemos ajudá-la a com-

preender que aquilo não foi bom, e oferecer a ela possibilidades para que em uma próxima situação, ela se comporte de outra maneira.

Quando uma criança recebe um elogio por ter realizado bem determinada tarefa, ela costuma sentir-se satisfeita e valorizada pela sua conquista e se motiva a realizá-la de novo. Em contrapartida, inúmeros estudos têm nos mostrado que punir as crianças quando elas fizeram algo de errado, não necessariamente as ajudará a agir diferente em uma próxima situação. Os elogios e recompensas precisam ser usados com o objetivo de permitir que a criança experimente situações e lide com suas emoções de uma maneira positiva. É importante valorizar o esforço, e ajuda-la a reconhecer o progresso obtido. Quando as crianças entendem o que está sendo exigido dela, e até onde deve chegar, fica menos propensa a desanimar e a desistir.

No nosso dia-a-dia é comum que pais e educadores chamem mais atenção dos comportamentos inabilidosos, ou preocupantes da criança, do que reconheçam e elogiem os comportamentos habilidosos. Chamamos de 'inabilidoso' aquele comportamento que não favorece a criança, não a ajuda a atingir a sua expectativa, podendo ter consequências prejudiciais para seu desenvolvimento e/ou à sua interação social.

Os comportamentos inabilidosos incomodam, portanto costumamos querer acabar com eles logo. Suas reações podem gerar consequências imediatas, como a agressividade e indisciplina, e, ainda, problemas futuros de ajustamento social, solidão. Por exemplo, uma criança que agride a si e aos outros com frequência, acaba afastando seus colegas e a depender do contexto, pode se colocar em situação de risco. Já os comportamentos habilidosos socialmente parecem fazer parte da 'obrigação' da criança e muitas vezes, não

são valorizados ou passam despercebidos pelos adultos. Devemos sempre buscar validar as atitudes das crianças e mostrar para elas quando a atitude é condizente ao contexto e/ou quando ela pode aprimorar sua forma de agir, por estar sendo pouco habilidosa. Falar de recompensa ou de reforço é uma maneira de compreender como podemos aprimorar o comportamento, sinalizando para a criança o que se espera dela. Por isto alguns teóricos da psicologia e educação defendem a ideia de reforçar positivamente a criança quando ela atinge o objetivo da tarefa: para que ela perceba o sinal do adulto, compreenda que aquilo é aceito e que aquela era a expectativa do adulto em relação a ela.

Na apostila anterior, falamos sobre as birras, que são comportamentos comumente observados em crianças. Diante de uma situação de birra, o primeiro passo é tentar comumente compreender o que está ocasionando tal comportamento. Lembremos que é comum que as crianças apresentem maior agitação motora ou inquietação na primeira infância, pois esta também é uma forma dela expressar como está se sentindo. Por exemplo, um bebê usa o corpo, choro e movimentos para expressar um desconforto, e nem sempre isto é birra. Uma criança pequena, que ainda não consegue verbalizar algum desconforto interno (por exemplo: cansaço, sono, dor, irritação, tristeza, medo, etc.), possivelmente faz o mesmo e age com maior inquietação e às vezes, irritação, pois não consegue nomear seu desconforto. Tais comportamentos tendem a diminuir com a idade e à medida que a criança aprimora seu repertório simbólico e de linguagem, torna-se capaz de reconhecer e verbalizar tais desconfortos.

Contudo, como já vimos, existem situações nas quais a criança faz birra para desafiar o adulto ou outros pares. Em algumas circunstâncias a birra pode ser consequência de uma falta de

limite.. nestes casos, é importante que os responsáveis mantenham-se firmes e não cedam “pelo cansaço”. Diante destes contextos, é aconselhável tentar conversar com a criança e nomear para ela o que está ocorrendo. Caso ela persista, vale explicar que vai aguardá-la se acalmar, e quando necessário, redirecione o foco para outra atividade, para que ela se acalme. Ao retirar a sua atenção daquela situação, a tendência é que ela deixe de apresentar esse comportamento, pois percebe que não obterá

o que deseja. É possível que logo no primeiro momento, quando a criança percebe que está sendo ignorada, que ela aumente a birra e tente chamar a sua atenção, fazendo mais coisas erradas, mas quando nos mantemos firmes, ela percebe que agindo assim não conseguirá resolver o problema. Esta atitude do adulto vai reforçando à ela as regras e limites, mostrando que aquele comportamento não era o esperado e que existem outras formas de expressar o que se sente e o que se quer.

IMPORTANTE:

Esteja atento aos comportamentos da criança. Às vezes uma resposta inadequada pode ser um sinal de que algo não está bem. Se ela chora demais e tem medo das pessoas, verifique o que pode estar acontecendo. Em situações como estas, o comportamento não deve ser ignorado e a criança deve ser acolhida e cuidada.

Na escola é importante estabelecer as principais regras e combinados em conjunto com a equipe de docentes, para que todos possam discutir sobre as condutas que serão adotadas em situações mais críticas. Estabelecer uma rotina diária e pequenos combinados também ajuda a criança a ficar menos ansiosa e a ter clareza do que se espera dela. Por exemplo:

- Ao chegar colocar as mochilas em determinado local;
- Na hora de dormir, tirar os sapatos;
- Lavar as mãos antes de comer;
- Não gritar com os colegas.

IMPORTANTE:

Os adultos também devem cumprir as regras e dar exemplo para a criança. Se a criança não pode gritar, o adulto também não grita.

Crie momentos para conversar com as crianças sobre os combinados e regras coletivas. Escolha um momento calmo, e explique-lhes claramente e sem ameaças. Verifique se compreendem o porquê das regras e quando necessário,

reflita sobre quais podem ser os riscos gerados ao não serem cumpridas. Na escola, isto pode ocorrer no início do ano e no retorno das férias, para que as crianças se recordem que naquele ambiente existem normas.

O que fazer quando as regras forem desrespeitadas

- Você pode lembrar a criança de que uma regra foi quebrada, ou que ela não se comportou dentro dos combinados, agindo de forma inadequada. Neste contexto, vale rever o ocorrido, esclarecer como ela compreendeu a situação e descrevendo qual será a consequência, mas sem usar um tom ameaçador.
- Quando consequências são utilizadas pelos rompimentos das regras ou pelos comportamentos não adequados, estamos mostrando para a criança que ela é responsável pelo seu comportamento.
- Evite as discussões ou os confrontos com a criança, isto pode ensiná-la a se comportar de maneira agressiva.

A retirada dos privilégios

- Uma forma de consequência é a retirada dos privilégios. Esta é uma consequência segura e que tem efeitos positivos, e consiste em privar, temporariamente, a criança de algo que ela goste ou deseje. No entanto, esta privação deve ser temporária e deve estar disponível novamente assim que este combinado se encerra.
- O privilégio deve ser retirado logo após o comportamento ter ocorrido. Fazer ameaças e/ou prometer a retirada de privilégios para o futuro (por exemplo, “amanhã você não poderá usar esse lápis”) fará com que haja um grande espaço de tempo e dificultará a reflexão da criança, uma vez que esses conceitos ainda são muito abstratos para a criança na idade pré-escolar.
- Na primeira vez que ocorrer, você deve explicar à criança que aquilo faz parte da regra, se ocorrer outra vez, certifique-se de que ela entendeu o combinado e avalie se é necessário dar novas explicações.
- Não ameace tirar um privilégio e não cumpra. Evite se exaltar ou dar broncas muito extensas e tente manter a calma, sendo breve e pontual. Não fale muito, apenas aja. O sermão só os deixará chateados.



ATENÇÃO:

Nenhuma consequência deve comprometer as necessidades básicas da criança, como a alimentação, a educação, a higiene, o afeto, etc.

“Dando um tempo”

- Outra estratégia de disciplina para estabelecer limites é “dar um tempo” para a criança, o que significa retirá-la de um ambiente legal e deixá-la em um cantinho até que ela se acalme. Com esta atitude, a criança aprenderá novamente que o seu comportamento não adequado tem consequências.
- Neste momento, você pode recordar por que ela estava lá e elogia-la pelo esforço que fez para ficar quietinha. Após o período estipulado, a criança deve retornar às suas atividades normais e cotidianas, até mesmo aquela que foi interrompida.
- Explique à criança que quando ela estiver “dando um tempo” não pode conversar com ninguém e deverá tentar se acalmar.
- Quando um privilégio é retirado por um período longo (por exemplo, ficar sem o computador), corre-se o risco da criança perder o interesse por aquela atividade e o efeito da consequência se perde.
- Depois de alguns minutos e, depois que a criança se acalmar, vá até ela e diga-lhe que já pode sair.

A técnica de “Dar um tempo” não pode ser feita de forma indiscriminada (muito frequente), pois isto pode frustrar demais a criança e fazer com que se sinta mais punida do que recompensada, levando-a a desenvolver sentimentos negativos sobre si mesma, rebaixando a sua autoestima e desmotivando-a. Outro fator a ser considerado é a duração/período de tempo que ficará refletindo. Isso deve estar de acordo com a idade da criança. Alguns especialistas dão como dica estabelecer o tempo com base na idade da criança, por exemplo, se ela tem 2 anos, ficará 2 minutos no cantinho para se acalmar.



Lidando com os comportamentos desafiadores

1	Procure manter a calma, quanto mais calmo você estiver, mais calma ficará a criança. A criança precisa que você esteja no controle quando ela o está perdendo.
2	Tente uma distração. Não se deixe contaminar pelos gritos e os chutes, tente mudar o foco e crie uma distração alternativa, fazendo algo que a criança não está esperando. Pergunte-lhe, enquanto ela está nervosa e gritando, se ela quer jogar com você ou te ajudar a preparar a próxima atividade ou, ainda, mude o foco propondo que olhe um lindo pássaro pela janela ou, então, apenas vá até ela e lhe dê um grande “abraço de urso”.
3	Sugira à criança “dar um tempo”. Muitas crianças se acalmam rapidamente quando podem ser elas mesmas em um local seguro. Isto não é uma punição, mas sim uma maneira da criança se acalmar. Você pode nomear esse local seguro e calmo como sendo um “cantinho aconchegante”. Este pode ter travesseiros, almofadas, bichos de pelúcia, livros e brinquedos seguros. Quando a criança estiver neste espaço, diga-lhe que ela que fez um bom trabalho para procurar se acalmar.
4	Converse sobre o que ocorreu e a solução que ela utilizou. “Você está realmente nervoso e bateu no seu colega. É normal ficar nervoso, mas, na nossa escola, nós não batemos ou nos machucamos uns aos outros. Bater machuca.”
5	Ajude a criança a pensar nas diferentes formas de resolver a situação em uma próxima vez. Quando necessário, proponha algumas alternativas do que poderia fazer, por exemplo: “vamos dar ao seu colega algumas canecas dele para que ele brinque, assim ele não bagunçará as suas.”
6	Sugira formas de lidar com as emoções fortes. Quando uma criança está realmente nervosa, sugira que ela use o corpo (por exemplo: pule, pinte um desenho com cores fortes) ou expresse verbalmente o que está sentindo ou, então proponha algo que você considere apropriado para seu perfil. Ensine a criança que há formas saudáveis, e que não machucam, para expressar seus sentimentos.

7	Seja firme. A firmeza no estabelecimento das regras é a chave para ajudar a criança a fazer boas escolhas. Se toda vez que ela atirar um brinquedo e este for retirado dela, ela aprenderá rapidamente a não atirar brinquedos. Agora, se as regras sempre mudam, é difícil para a criança pequena entender que as regras são “reais”.
8	Se a criança tem que esperar a sua vez, dê ajuda visual enquanto ela espera. Utilize cronômetros, ou marque o tempo pintando os quartos de um relógio de papel, para que ela tenha um auxílio concreto de quanto deve esperar. Isto a ajuda a sentir-se no controle e a lidar melhor com a situação e/ou a frustração.
9	Observe os sinais do comportamento da criança. Às vezes é possível notar quando ela está prestes a perder o controle. Antecipar essas situações pode até ajudá-la a prevenir comportamentos de difícil controle. Por exemplo, se você percebe que uma criança tem dificuldades com transições, como terminar o almoço e em seguida dormir, você pode avisá-la com antecedência (por exemplo, 5 minutos antes).
10	Dê opções que acabem com o mau comportamento. Se uma criança não quer dividir a bola, diga-lhe: “você tem duas opções, dividir, jogar junto com o seu amigo ou guardar a bola”. Mantenha o seu tom de voz positivo e no mesmo nível (altura) da criança. Isto a ajuda a compreender que ela tem escolhas e que cada escolha tem uma consequência.
11	Procure formas de ajudar a criança a praticar o autocontrole. Utilize jogos como rolar uma bola para frente e para trás, pois isto exige da criança esperar e controlar os seus impulsos.
12	Pare e espere. Quando a criança está fazendo uma birra, a não ser que ela esteja em perigo, pare por um momento e pense a respeito: “por que ela está fazendo isto? Será que está cansada, com fome, com medo, nervosa... e por quê? Como eu posso ajudá-la a lidar com estes sentimentos? O que eu quero que ela aprenda com esta situação? O que estou sentindo e como estou reagindo?” Dar um tempo e refletir sobre o que está acontecendo com você e com a criança irá ajudá-lo a responder de maneira calma e efetiva.

Referências bibliográficas

- GUILHARDI, H.J. **Autoestima, autoconfiança e responsabilidade**. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Campinas. Disponível em: <http://www.itcr-campinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf> Acesso em: 15 jul. 2014.
- GUILHARDI, H. J. **Punição não é castigo** – Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento – Campinas SP – 2010.
- TIBA, I. – **Quem ama, educa!** São Paulo: Editora Gente, 2002.
- TURINI, A. B. S MARTURANO, E. M. - **Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais**. Estudos de Psicologia, vol. 7, núm. 2, 2002, pp. 227-235.
- WILLIAMS, L. C. O., MALDONADO, D. P. A., ARAUJO, E. A. C. – **Educação Positiva dos seus filhos** – Projeto Parceria módulo 2. - Cartilha Universidade Federal de São Carlos – Departamento de Psicologia 2008.
- O Mundo da Criança- Guia de pais e professores** – World Book.1987 – Editora Delta S.A.,1988.

Links úteis

- <http://www.zerotothree.org/child-development/social-emotional-development/self-control-24-36-months-1.html>
- <http://www.radardaprimeirainfancia.org.br/como-lidar-com-agressividade-das-criancas-pequenas/>

Sobre nós

Este material é resultado do projeto “Desenvolvimento de um Programa de Formação em Desenvolvimento Cognitivo para Profissionais da Educação Infantil: o modelo de Resposta à Intervenção”, iniciado em 2013, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e da Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa, e desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo, sob responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dra. Mônica C. Miranda, Prof. Dr. Orlando F. A. Bueno e equipe.

Em 2015, a equipe do Instituto ABCD – sob coordenação de Carolina Toledo Piza (MSc.) – e do NINAPI (Núcleo de Investigação em Neuropsicologia, Afetividade, Aprendizagem e Primeira Infância, da Universidade Federal Rural de Pernambuco) – sob coordenação da Prof. Dra. Pompéia Villachan-Lyra e participação das pesquisadoras, Emmanuelle Chaves (Dra.) e Sílvia Maciel (Dra.), com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) – integraram o projeto, visando aprimorar seu conteúdo e ampliar as perspectivas de atuação para outros Estados do país.

O projeto, agora denominado **Projeto Pela Primeira Infância**, é um conjunto de ações de pesquisa e de formação de profissionais da Educação Infantil. Ele foi criado tendo por base o fato, já apontado por diversas pesquisas, de que as principais demandas formativas dos profissionais da educação infantil se referem à sua necessidade de uma compreensão, mais adequada e abrangente, das teorias e das bases do desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e comportamental da criança.

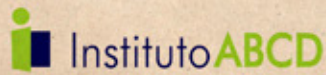
Além disso, também é consenso na comunidade científica, o reconhecimento da importância de uma intervenção adequada na primeira infância (inclusive no ambiente escolar) para um desenvolvimento infantil pleno e saudável.

Assim, faz parte do Projeto Pela Primeira Infância, um ciclo de debates teóricos intitulado: “Formação continuada em Desenvolvimento Infantil, com base nas neurociências, para profissionais da Educação Infantil” – constituído por 10 encontros, nos quais há a disponibilização de material apostilado. Após a participação em todo o ciclo de debates, são desenvolvidas discussões práticas para a implementação de estratégias de estimulação do desenvolvimento da criança na primeira infância.

Nós acreditamos que um programa desta natureza deve incluir material estruturado e formação continuada, com intenso diálogo com aqueles envolvidos com a criança (famílias, comunidades, profissionais da educação e da saúde).



Apoio:



Realização:

